



O técnico Mário Palma lidera atualmente a Seleção Tunisina (até 2020), que em Setembro 2017 venceu o Afrobasket2017. Para além disso, no que respeita às Seleções Nacionais, anteriormente esteve ao serviço da Seleção Portuguesa (2011 a 2016), da Seleção de Angola, pela qual conquistou quatro edições do Afrobasket, e da Seleção da Jordânia.

A ANTB aproveitou que Mário Palma se encontrava em estágio em Portugal com Seleção da Tunísia, no final do ano, para uma pequena entrevista.

.) Momento da ANTB

- Sendo o Mário Palma um antigo elemento da direção da ANTB, que balanço faz da atuação desta nova direção?

A anterior direção fez dois mandatos e depois chegou à conclusão que não podia continuar devido aos afazeres profissionais dos seus elementos, não se conseguindo na altura passar a pasta a novos elementos, o que me preocupou muito na altura, porque na minha opinião a ANTB é fundamental para os treinadores portugueses. Fiquei, assim, muito contente com o surgimento desta atual direção e da forma como se juntaram, de diferentes partes do país e da forma como trabalham e comunicam.

Considero também que a ANTB está a dar um impulso tremendo à forma como possibilita aos treinadores portugueses o acesso a informação e Clinics. Em resumo, penso que o balanço da atuação desta direção da ANTB é muito positivo, sabendo eu por experiência própria (fiz quatro mandatos) o quanto é difícil conciliar a atividade da ANTB com as vidas profissionais de cada um.

Aproveito a oportunidade para dar um abraço aos elementos da direção da ANTB, elogiar o seu trabalho e dizer-lhes que com a sua atuação o futuro da nossa classe vai ser seguramente melhor.

.) Balanço Afrobasket 2017

- O que nos pode dizer sobre a última grande competição em que esteve envolvido, o Afrobasket 2017, onde a Tunísia alcançou um excelente resultado?

Quando cheguei à Tunísia vinha do trabalho com a Seleção Portuguesa e sentia falta do trabalho diário num clube. Na Tunísia acabamos por ser campeões nacionais de clubes com o *Club Africains* e isso fez com que a Federação da Tunísia me convidasse para ser selecionador nacional. Existiu também a hipótese de ir trabalhar no Bahrein mas o convite da Tunísia era muito aliciante, com a participação no Afrobasket, seguida do apuramento para o Mundial da China e dentro do Mundial a qualificação para os Jogos Olímpicos. Neste momento estamos a disputar o apuramento para o Mundial.

Com o início do trabalho na Seleção da Tunísia definimos logo como objetivo sermos campeões Africanos e na altura da primeira conferência de imprensa em que o dissemos, causou muita surpresa porque ninguém estava à espera.

Na altura pensávamos que podíamos contar com o Salah Mejri que joga nos *Dallas Mavericks* e o Michael Roll que joga no *Maccabi Telavive*, mas acabámos por fazer a qualificação sem eles.

Para o Afrobasket voltámos a não poder contar com estes dois jogadores mas nós mantivemos o objetivo de sermos campeões africanos, nesta fase só com jogadores que se

encontravam a jogar na Tunísia, o que torna este campeonato histórico, ou seja, ganhar o campeonato africano, sem jogadores a atuar no estrangeiro.

Temos um grupo de jogadores muito inteligentes, a Federação Tunisina proporcionou-nos condições excelentes e, deste modo, foi possível fazer um percurso brilhante.

O Afrobasket é um campeonato muito difícil, com atletas que jogam na NBA e na Euroliga, muito fortes fisicamente, mas nós temos a vantagem de a nossa seleção ser muito inteligente e com grande capacidade de trabalho, o que nos permitiu mudar a forma de jogar tanto na defesa como no ataque, apostando num jogo coletivo como alternativa ao 1x1 sistemático que existia até então.

Deste modo, um grupo de jogadores muito unido conseguiu ultrapassar grupos de jogadores muito fortes mas que como equipas não estavam ao nosso nível e daí a razão fundamental de termos sido campeões.

- Ter ganho o Afrobasket com duas seleções, Angola e Tunísia, é um feito assinalável...

Sim, mas mais do que os títulos (quatro Afrobasket com Angola e um com a Tunísia), motiva-me o facto de ter participado por exemplo em mundiais com a seleção de Angola, da Jordânia e tentar agora uma nova participação com a Tunísia.

Isto para mim é muito importante porque sinto que estou a ajudar outros países, outras seleções, outros jogadores a serem melhores, mais fortes e a atingirem objetivos elevados.

Neste momento temos o objetivo de apurarmos para o Mundial e, se o conseguirmos como eu espero, vamos fazer tudo para sermos a melhor equipa africana no Mundial, para nos qualificarmos para os Jogos Olímpicos.

Este é o nosso objetivo, todos na seleção sabem-no desde o primeiro momento e tudo o faremos para o alcançar.

Depois do estágio de preparação realizado em Portugal em novembro de 2017, onde esta entrevista foi realizada, a seleção da Tunísia partiu para os Camarões onde defrontou e venceu a Guiné (96-66), o Chade (101-40) e os Camarões (67-66). A próxima janela competitiva será na Tunísia, no final de junho de 2018.

.) Nível Competitivo das Seleções

- Ao nível do trabalho realizado com as seleções Portuguesa e Tunisina e ao nível competitivo, encontram-se muitas diferenças?

No que toca à seleção portuguesa, os responsáveis federativos de Portugal deram-me excelentes condições de trabalho, aliás foi o local onde tive melhores condições de trabalho, com melhor organização e onde tudo correu de forma excepcional.

Na altura apanhei o fim de uma grande geração que tinha competido no eurobasket, com o final desta geração ainda nos qualificamos para um europeu, repare que em 90 anos Portugal só se qualificou duas vezes.

A seguir a esta geração existiu um gap no basquetebol português e tivemos de começar com uma geração nova que não jogava nos clubes. Nesta fase andamos a competir com seleções com jogadores da NBA e Euroliga, com jogadores nacionais que, muitos deles, não tinham minutos no nosso campeonato. Com um trabalho muito duro na seleção nacional, conseguimos promover muitos jogadores nos seus clubes e ajudamos à sua afirmação, ajudando-os a ganhar experiência e a tornarem-se mais fortes, sendo atualmente jogadores importantes no Basquetebol Português.

Depois tivemos um problema sério que afeta o Basquetebol Português e que enquanto não se resolver não vamos conseguir evoluir muito mais, que tem a ver com a falta de jogadores para a posição 5. Hoje em dia jogar sem jogadores acima dos 2.10m é muito difícil a nível internacional.

Nós competimos, ganhamos muitos jogos contra equipas mais fortes, ao longo do nosso período com a seleção portuguesa, mas no momento decisivo não conseguimos atingir os

objetivos a que nos propusemos, porque para além do problema da estatura tivemos a diferença competitiva, com jogadores adversários a fazerem 80/90 jogos por época contra os nossos jogadores que alguns deles nem sequer jogavam, quanto mais experiência internacional. Na minha opinião, num futuro próximo, o basquetebol português vai passar por um período difícil no que respeita à competição internacional, enquanto não conseguirmos ter jogadores com peso e estatura adequados para as posições interiores.

A este respeito temos o exemplo de um jogador português com 2.14m que no seu percurso de formação, nos escalões S16 e S18 não jogou ou jogou muito pouco. Se ele tivesse sido utilizado seriamente, hoje teríamos um jogador com 2.14m com nível internacional, porque é um jogador com qualidade técnica, mas infelizmente fez quase todo o seu percurso desportivo sem jogar, teve de ser recuperado na seleção nacional, hoje já está a jogar mas nesta fase já é difícil atingir um nível elevado.

Este é um exemplo claro de situações que ocorrem com frequência, os jogadores com altura e peso na formação são mais lentos, têm mais dificuldade em ter capacidade para ajudar competitivamente as suas equipas jovens, mas acabam por ser muito mais importantes no futuro.

Infelizmente, talvez por pressão dos dirigentes dos clubes ou pelo facto de alguns treinadores quererem atingir rapidamente títulos e o topo com as suas equipas de formação, o certo é que esses jogadores são pouco utilizados, desaparecem, levando a que hoje em dia não existam jogadores da posição 5 no basquetebol português.

Este é um problema muito grave em relação ao qual, na minha opinião, a ANTB deve estar muito atenta. Sem estes jogadores não é possível competir a nível internacional, uma das soluções no futuro pode passar por termos em Portugal jogadores com menos de 16 anos que tenham estas características e que possam representar Portugal no futuro, que é o que muitos países estão a fazer atualmente. Se isso não for feito a seleção portuguesa não vai ter condições objetivas de atingir patamares competitivos mais elevados.

.) Mensagem aos Treinadores

- Tendo em conta todo o percurso enquanto treinador profissional, ao nível de clubes e seleções que o Professor Mário Palma tem, existem alguns conselhos que queira partilhar com jovens treinadores portugueses que leiam esta entrevista e ambicionam uma carreira profissional?

Em primeiro lugar para se ser treinador profissional é preciso vocação. Eu acho que todas as pessoas que têm uma vocação devem segui-la. Ao segui-la têm de enfrentar obstáculos e obstáculos difíceis, mas perfeitamente possíveis de serem ultrapassados.

Ter uma atitude séria e íntegra, estudar o jogo é fundamental, ter uma filosofia própria.

Sem ter uma filosofia própria não se pode ter sucesso.

Outro conselho muito importante que tenho para dar é a importância de estudar comunicação e liderança, não basta saber os *set plays*, para ser-se treinador é necessário muito mais do que isso, é necessário liderança, motivar os atletas, comunicar de uma forma eficaz com todos os intervenientes do jogo.

O modelo de treino é igualmente fundamental, porque sem um modelo de treino perfeitamente definido é muito difícil obter sucesso de uma forma consistente.

Os treinadores têm de perceber que o basquetebol se joga dentro do campo e isso obriga a estudar para encontrar um modelo de treino focado no basquetebol, com exercícios que potenciem todos os requisitos necessários para a prática do jogo a um nível elevado, sejam eles físicos, técnico-táticos e/ou psicológicos e sempre dentro do campo, com exercícios de basquetebol.

Eu não acredito em nada que não seja feito dentro das quatro linhas, com exercícios específicos de basquetebol virados para todas as áreas do treino e sempre com uma componente tática muito forte. Se seguirmos esta metodologia conseguimos trabalhar a mente dos jogadores, a sua concentração, o serem capazes de executar por exemplo

exercícios de basquetebol com uma componente física muito forte mas ao mesmo tempo com um objetivo tático.

No campeonato africano por exemplo, sentimos muito uma grande vantagem a nosso favor nas 2ª partes dos jogos, com os jogadores das seleções adversárias a baixarem muito os seus níveis de concentração no jogo, devido a um modelo de treino baseado por exemplo no treino físico primeiro e tático depois. O jogo joga-se com a mente e portanto todo o treino deve ser dirigido para a concentração dos jogadores, só assim se consegue obter o sucesso.